

**Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal, por Teixeira de Aragão.** Tres volumes (Lisboa 1880), a 6\$000 réis cada um.

Vol. I. Contém uns estudos preliminares, e as descrições das moedas portuguezas continentaes até o fim do reinado de Philippe III.

Vol. II. Contém a descrição das moedas portuguezas continentaes desde o reinado de D. João IV até o anno de 1876.

Vol. III. Contém a descrição das moedas portuguezas da India e da Africa Oriental.

Todos os volumes são acompanhados de estampas em que se figuram as moedas, e de numerosos documentos ou leis monetarias. Alem d'isso terminam com indices alphabeticos, que facilitam a consulta.

Sem dúvida, descobrir-se-hão algumas imperfeições nesta obra, pois isso é vulgar nas cousas humanas, e sobretudo em trabalhos da natureza d'este, tão vasto e melindroso; mas não se póde negar que a *Descrição geral e historica das moedas de Portugal* é a obra mais extensa que temos sobre o assumpto. Todos os que tratarem da nossa historia economica ahi acharão importantes elementos; e nenhum numismatico da especialidade a póde tambem dispensar.

O volume IV, que se occupará das descrições das restantes moedas portuguezas, deve entrar brevemente no prélo; o Sr. Aragão trabalha nelle já ha muito.

Se, depois de acabada a obra, se fizesse d'ella um manual resumido e barato, que contivesse o essencial da materia, e as principaes estampas, prestar-se-hia de certo aos estudiosos bom serviço. Ha excellentes manuaes d'este genero noutros paises.

J. L. DE V.

### Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

#### 10. Antiguidades do concelho do Alandroal (Alemtejo)

«Desviado desta Villa huma legoa, mas ainda no seu termo, corre a serra de S. Miguel, nome que lhe deu huma ermida deste soberano Archanjo, que se vê edificada no mais alto della, cuja casa

dizem foy fundada no tempo da Gentilidade<sup>1</sup>. . . . e se entende ser mais antiga, que a igreja de Nossa Senhora da Boa Nova da Villa de Terena.

Por diante desta villa passa o rio Lucefeci por terras muito fragosas, junto ao qual está hum edificio, que nos tempos antigos foy castello, e ainda no tempo presente lhe dão o nome de *Castello Velho*; porém não ha certeza de quem fosse<sup>2</sup>.

Na defesa da Granja, termo do Alandroal, se vêem alguns outeiros minados, que mostra terem lugares donde se tirarão metaes de ferro, ouro, ou prata, e não consta em que tempo se tirassem<sup>3</sup>. (Tomo I, pags. 113 e 114).

### 11. Gruta de Albardos (Estremadura)

«Lança esta serra hum braço para o Termo do Truquel, a que chamão o Cabeço de Truquel, dentro do qual está huma concavidade, ou casa subterranea, muito larga, e espaçosa; e ainda que seja obra da natureza, bem mostra, que concorreo tambem a arte, e industria para o seu augmento, conforme a disposição, e indicios, que nella se vem. Segundo a tradição dos antigos, foy habitavel, o que julgo seria em tempo, que os *Mouros* occupavam estas terras». (Tomo I, pags. 114 e 115).

### 12. «Castello» de Alcabedeque (Beira)

«Perto a esta fonte estão vestigios de hum como *Castello* muito antigo, que dizem ser do tempo dos *Mouros*». (Tomo I, pag. 126).

### 13. Poço de Alcacere (Estremadura)

«Além destas fontes, ha pouco distante da Villa hum poço, a que chamão Poço Velho, o qual se entende haver sido obra dos *Mouros* quando erão senhores deste Reyno. Faz-se digno de noticia pela obra, e pela abundancia de suas aguas. He todo feito de pedra de cantaria

<sup>1</sup> Era neste monte que estava primitivamente o templo do deus Endovellico: vid. *O Arch. Portug.*, pag. 46.

<sup>2</sup> O Sr. Leite de Vasconcellos diz-me que já esteve neste *Castello Velho*, que porém não é um «edificio», mas sim um «castro», isto é, um monte nas circumstancias indicadas a pag. 3 d-*O Archeologo*.

<sup>3</sup> Diz-me tambem o Sr. Leite de Vasconcellos que nos arredores do Alandroal conhece um jazigo de cobre, e que é provavelmente a este que se refere a noticia do texto, tendo-se talvez tomado por ouro as pyrites de cobre.

lavrada, com bocal de quatro palmos de alto; a altura he de trinta e cinco palmos, e a roda de vinte e hum. No meyo do poço tem hum cano de altura de dous palmos, e outros dous de largura, pela qual recebe grande quantidade de excellentes aguas de huns areaes vizinhos. Em huma pedra do bocal estão abertas as letras seguintes: MDDDIII (*sic.*)» (Tomo I, pag. 140 e 141).

#### 14. Antignalhas romanas de Alcaçovas (Alemtejo)

«He a terra chea de mato de estevas, e penedia; e no mais alto do monte houve huma grande casa, que pela sua architectura mostrava ser obra *dos Romanos*, e templo de alguma de suas gentílicas divindades; ou defesa, e atalaya para guardar as vigias em tempo de guerra; e com este sentido parece se conforma mais a demasiada grossura das paredes da casa, fortalecida com grandes estribos de botareos; e mais verdadeiramente confirma serem estes vestigios de edificios romanos, terem-se achado naquelle sitio moedas de ouro, prata e cobre com inscripções romanas.

O Padre Mestre Frey Francisco de Oliveira, Relegioso de S. Domingos, natural da cidade de Beja, da qual tem composto hum crescido volume, que conserva manuscrito, a que dá o titulo de *Epitome Historico da Cidade de Beja*, incansavel indagador destas preciosas antiguidades, nos communicou huma inscripção, que foy achar a sua curiosa applicação nas costas da Capella dos Reys no anno de 1643, e diz assim:

D · M · S

LIMA

XXXV

I · C · T · L · I · E · S

Tem de huma parte esculpido hum jarro, e garrafa, e da outra dous gorazes, tendo fórma de huma pequena pipa de quatro palmos e meyo de comprido, e dous de largo <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Vê-se que se trata de umas d'aquellas sepulturas chamadas *doliars*, ou em fórma de pipa, de que se acham bastantes no Sul do nosso pais, e de que se podem ver exemplares no Museu Ethnographico Português, em Lisboa.

A inscripção foi já transcrita no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, n.º 86. As letras finaes «I · C · T · L · I · E · S» estão evidentemente mal copiadas; devem representar uma das fórmulas vulgares das inscripções funerarias.

Todo monte mostra que foy povoado de casas; porque todo em roda he cheyo de alicesses, e de pedras soltas, e levadiças, como que já servirão, e no lugar em que esteve huma vinha dos Religiosos, que hoje o habitão, quando a plantárão, se descobrirão pavimentos de casas ladrilhadas, e muitos tijolos soltos, e deneridos, como de fornos, ou chaminés; ferros de prender cavallos, e humas campainhas prateadas, das quaes guardão ainda duas os mesmos Religiosos.» (Tomo I, pag. 141).

#### 15. De Alcaçovas (Alemtejo)

«Ha aqui hum sitio, em que se achão ainda hoje alguns vestigios de povoação antiga, como são argamassas, e muros: querem alguns antiquarios fosse a antiga Cidade de Arandis (*sic*).» (Tomo I, pag. 149.)

#### 16. Moedas achadas em Alcanede (Estremadura)

«No Castello desta Villa, haverá trinta e tantos annos, que seria no 1710, pouco mais ou menos, se achárão quantidade de moedas pequenas grossas, e com figuras, e erão de cor parda como cobre. E em outras muitas partes do seu termo se tem achado moedas antigas, humas portuguezas, e outras romanas, algumas de prata, e muitas de cobre, e outras de latão, e muitas pessoas testemunhão, que as virão; mas como as não estimavão, não houve algum, que as guardasse.» (Tomo I, pag. 162.)

#### 17. Grutas de Alcaria (Estremadura)

«Defronte deste lugar, para aparte do Poente, está hum grande penhasco, obra da natureza, que tem hum quarto de legua de comprimento, a que os naturaes chamão *Castello*, no fim do qual, para a parte do Norte, ha huma gruta, ou concavidade, que conserva agua todo o anno: he muy fria, e dizem tira maleitas.

Da parte do Poente, no fim da mesma penha, ha outra grande concavidade, que hoje se acha quasi tapada, por causa de huma grande pedra, que se arruinou na entrada. Imaginárão os moradores deste povo, que nesta cova havia ouro escondido pelos Mouros; e cavando na dita gruta achárão, não ouro, mas ossos humanos, com o que cessárão da obra desenganados»<sup>1</sup>. (Tomo I, pag. 165.)

<sup>1</sup> Talvez se trate de grutas funerarias dos tempos prehistoricos.

## 18. «Castellos» de Alcaria-Ruilva (Alemtejo)

«Distante deste povo, no districto da Freguesia cousa de boa meya legua, no alto de hum rochedo, que cahe sobre Alvacar, apparecem os alicesses de huns grandes edificios, que dizem forão obra dos Mouros, e que lhes servio de *Castello*, appellido que ainda hoje conservão os moradores, e se denomina este sitio os *Castellos*. Tambem sobre o caudaloso Rio Terges se vem outras ruinas de edificios, e da mesma sorte dizem forão feitos pelos Mouros». (Tomo I, pag. 169.)

## 19. «Castello» de Alcoutim (Algarve)

«Para a parte do Norte, em hum serro alto, se achão alicesses de fortalezas muito antigas; e tambem hum pequeno Castello, que segundo mostrão os alicesses de pouca força que hoje se acha extincto». (Tomo I, pag. 191.)

## 20. Inscrição romana de Aldão (Entre-Douro-e-Minho)

«No districto desta Freguesia, na quinta chamada de Aldão, que foy de Jeronymo Vieira de Castro, se achou uma pedra lavrada do tempo dos Romanos com o seguinte letreiro:

*Dedicavit Titus Flavius Clau-  
dianus Archelaus Leg. Aug.<sup>1</sup>*

(Tomo I, pag. 194.)

## 21. Antiquidades romanas de Alemquer (Estremadura)

«Huma lage de quasi quatro palmos em quadro, que ha poucos annos estava debaixo do alpendre, à entrada da igreja da Triana, e dahi a tirarão, e quando a havião de por na parede de algum lugar publico para perpetuo testemunho da antiguidade da Villa, a poserão no pavimento de huma escada de pedra, por onde se servem humas casas, que estão na travessa, que sobe da Fonte da Triana para a mesma Igreja, e daqui a poucos annos com a frequencia da passagem não terá a pedra dicção que se possa ler<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Foi publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 2408.

<sup>2</sup> Vid. o *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 275.

E outra pedra, que he huma meya columna redonda, a que os Romanos chamavão *cippo*, que os annos passados estava na quinta de André Bravo, que hoje he de seu filho João de Sousa Chichorro, e agora anda arrastada pelo chão, na horta chamada *del Rey*, junto ao rio, a qual possue o mesmo João de Sousa Chicorro<sup>1</sup>.

Na sobredita quinta do Bravo se descobrio ha poucos annos com hum arado huma pedra antiga, e debaixo della huma caveira humana, e ha mais annos se acharão algumas sepulturas, e arcas de pedra de muita antiguidade, e ainda ahi se estão vendo vestigios de hum sumptuoso edificio, no curioso pavimento de huma casa, que serve hoje de adegua. Disto faz memoria o *Santuario Mariano*, t. 2, lib. 2, tit. 33; porém os letreiros são aqui mais fielmente trasladados.» (Tomo I, pags. 240 e 241).

## 22. «Castellos» de S. Aleixo (Alemtejo)

«Em distancia de hum pequeno quarto de legua, à parte do Poente, sobre o rio Safareja, em huma soberba eminencia, fica hum *Castello*, com seu muro, que apenas mostra alguma cousa, do que foy nos tempos passados.

Em outra tanta distancia, à parte do Meyo dia, sobre hum pequeno rio, que chamão Safarejinho, em outra eminencia, está pela mesma fórma outro *Castello*, nos quaes se tem descoberto alguns vestigios de fortificação antiga. Em hum delles, haverá dez annos, andando huns pastores apascentando o seu gado virão em huma parte a terra alguma cousa aberta, e fazendo curiosamente mayor a rotura, achárão huma urna muito bem lavrada, e nella dez, ou onze garrafas de vidro, algumas de barro, todas cheas de cinzas.

Entre estes dous *Castellos*, em distancia de huma legua, fica outro da mesma fórma sobre hum pequeno rio, que chamão Fagildos, à parte do Nascente.

E em distancia de meya legua deste lugar, em hum penhasco despenhado sobre o rio Mortigum, está outro *Castello* em lugar tão eminente, que causa espanto a sua altura; no meyo tem huma cisterna lavrada toda ao picão, e aberta em rocha viva». (Tomo I, pag. 265.)

(*Continúa.*)

## A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

<sup>1</sup> Vid. o *Corp. Inscr. Lat.*, II, n.º 4633.